



Sem título
Nanquim em papel, por Roberta Gil, 2024

IMAGINÁRIO SOCIAL AMAZÔNICO: A PEGADA DO JUMA

Gracy Kelly Monteiro Dutra (1)

Muitas histórias sobre os seres encantados ou bichos visagentos se tornam presentes na cultura dos espaços florestais da Amazônia. Em cada espaço da região, brotam experiências sociais que se tornam parte da construção identitária e imaginativa do povo que cresce entre as florestas. Caminhar entre as terras, se esconder entre as árvores e nadar nas águas de qualquer rio podem despertar aqueles espíritos que estão adormecidos, trazendo sentimentos de medo, loucura e insegurança, mas também, de proteção e precaução. Cada habitante conta histórias do que ouviu ou viveu na Amazônia. O certo é que o território é repleto de histórias sobre a existência de seres encantados.

Vários tipos e qualidades de manifestações sobrenaturais acontecem entre as terras ainda com ampla cobertura vegetal. Há diversas histórias de encontro com espíritos encantados e, diante desse ambiente com seres ambientais pululantes, muitos acontecimentos brotaram (e ainda brotam) e estão no imaginário social da região. Na Amazônia, cada ambiente tem seus seres com suas especificidades locais. Não se pode separar a constituição da vida nessas terras sem atrelar a ela os espíritos da floresta.

Essa dinâmica envolve verdades e crenças, somente entendidas no contexto do lugar, por intermédio daqueles que cresceram ouvindo, vendo e sentindo as entidades da floresta em cada passo, em cada respiração e em cada parte desse complexo território, porquanto, Cornelius Castoriadis (Instituição imaginária da sociedade, 1982) e Jacques Le Goff (História e Memória, 2013) contribuem para a complexidade discursiva desse cenário imaginativo. É tão real a convivência com os espíritos da floresta assim como é real estar entre as águas, matas e árvores. A cultura das florestas amazônicas mantém essa aura da natureza encantada.

Quando eu ouvia falar sobre as histórias do Juma, associava à lenda do Pé Grande, dos filmes de *Hollywood*. Cresci escutando notícias nos jornais locais que o gigante Juma rondava próximo à cidade onde nasci, cresci e ainda vivo, Parintins, no Amazonas. Esse ser encantado é parte do imaginário local, cantarolado nas toadas de boi – bumbá, como a composição de Rafael Marupiara e Ronaldo Jr, que descrevem o medo e o arrepio ao ouvir seus passos, quando “*Vem surgindo/ Eclodindo da vegetação/ Na caverna da floresta/ No covil das onças pintadas/ Ele surge gigantesco a caça*”

(1) Doutora em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina. Docente da Universidade do Estado do Amazonas. E-mail: gkmdutra@uea.edu.br

das vidas abandonadas”. Uma entidade gigantesca que para Seu Manoel – um velho morador de um espaço florestal chamado Valéria, no interior parintinense – é um bicho, que, na forma humana, foi um indígena afastado da aldeia. Seu Manoel é testemunha ocular da pegada do Juma pela Valéria. Le Goff (2013, p. 437) argumenta que “a memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro”, logo, a memória do velho morador guarda a tensão do momento presenciado e conta o acontecimento a quem lhe instigar.

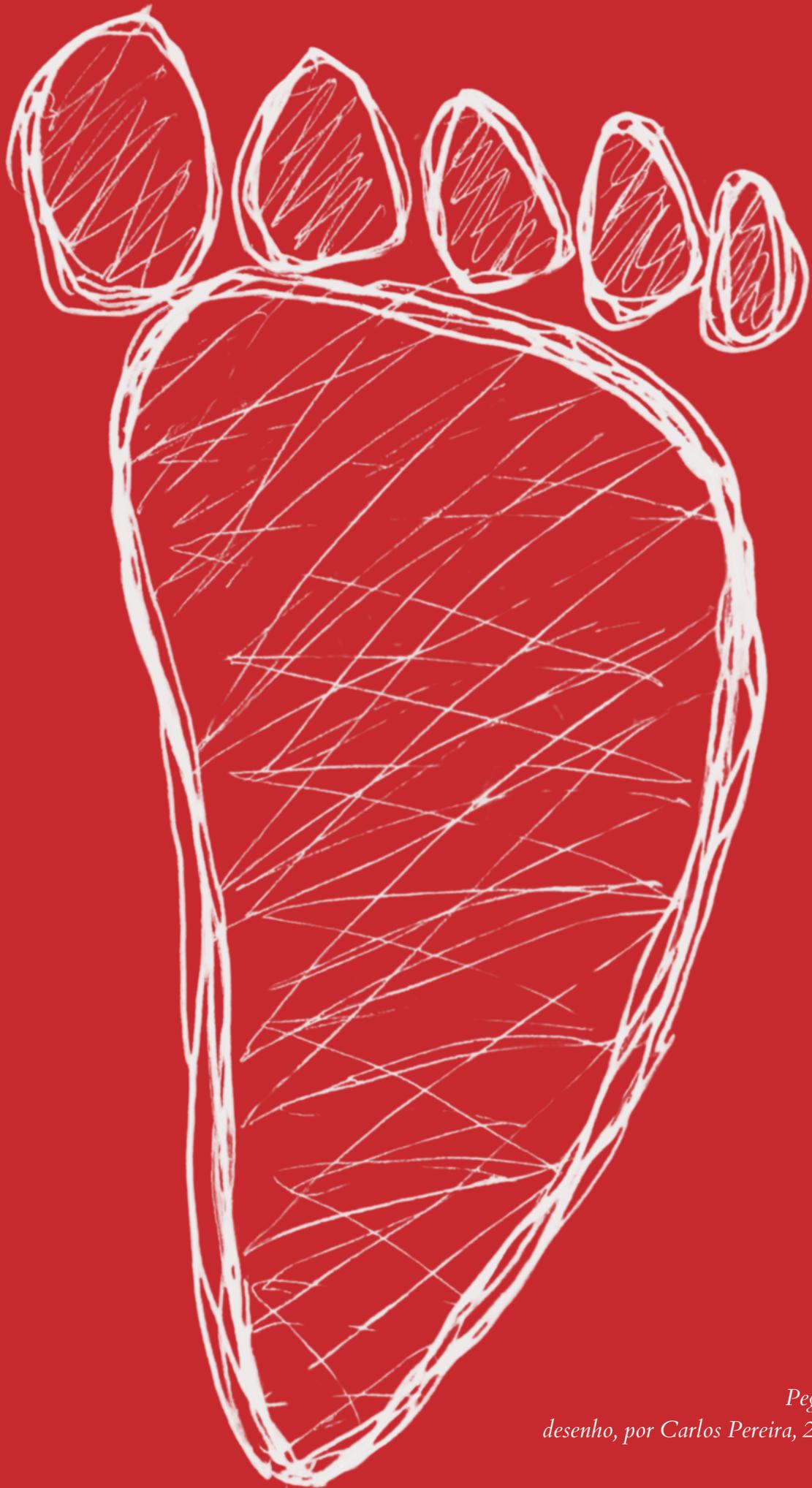
São as narrativas do povo que preservam as histórias dos seres encantados que permanecem vivos no imaginário social do lugar e de outros espaços florestais, tornando as florestas, um cenário de encantarias. A compreensão objetiva e subjetiva da realidade nos espaços florestais tem a singularidade do encontro de dois mundos. A floresta parece ser um portal de seres encantados. São esses imaginários que conferem uma atmosfera de encantamento aos agrupamentos humanos inseridos nas terras da Amazônia e dão essência à cultura das florestas e “esse imaginário deve utilizar o simbólico, não somente para ‘exprimir-se’, o que é óbvio, mas para ‘existir’, para passar do virtual a qualquer coisa a mais” (CASTORIADIS, 1982, p. 154). Os habitantes dos espaços florestais têm precauções que, só são entendidas por quem cresceu nessa conjuntura social. Para “os de fora”, as superstições e as histórias podem ser risíveis, mas, para o povo das florestas, a mata tem espíritos que rondam e precisam ser respeitados e evitados e o Juma da Valéria é um deles.

Ao contar sobre a presença do gigante Juma, Dona Izaura, esposa de Seu Manoel (Em 02

de outubro de 2021) diz: “*Essa história apareceu aqui na Colônia Fé em Deus... E apareceu aí... Ainda vieram chamar a gente e nós morava na Colônia e o meu marido foi pra lá, mas outros foram e viram a pegada dele... Manoel que vai lhe dizer e que vai detalhar isso...*”. Ainda sobre a aparição, Dona Izaura ilustra que “*Ele chegou perto da casa de um irmão lá, o irmão Teófilo e haja que ele não varou na casa porque tinha uma cachorrinha que acuava, acuava, acuava e ele não saiu pra lá e era o Juma que ela estava sentindo!*”. Os detalhes da narrativa descrita tanto por Seu Manoel quanto por Dona Izaura mostram quão real é o Juma.

Esse aqui era o comprimento do pé dele, 20 centímetros a ponta do dedão... A distância era de 1 metro de uma pegada dele pra outra... Eu fiz até uma casinha em cima do pé dele... O pé dele era o seguinte, a ponta dele era grossa e o calcanhar fino...A imprensa veio aí, não mentalizei a época, mas o rapaz que viu tudo morreu... O que eu digo foi essa metragem... O pessoal da imprensa veio aí, vieram tudo a trabalho... O chefe dos índios também vieram aí dizer o motivo de onde ele surgiu, porquê ele surgiu, o que ele estava fazendo, pro pessoal ter cuidado, porque se alguém sumir é ele que pegou! (Seu Manoel Reis de Oliveira em 02 de outubro de 2021, na manhã de um sábado chuvoso na Valéria).

As histórias sobre a aparição do Juma e suas grandes pegadas na Valéria é famosa no território parintinense. Nas disputas do Festival Folclórico de Caprichoso e Garantido, ela é explorada quando se apresenta a lenda amazônica.



Pegada
desenho, por Carlos Pereira, 2024

São enredos indispensáveis na disputa, por estarem presentes no imaginário social local. As histórias sobre o Juma, mostram que ele figura em muitos trajetos. A força e o gigantismo do Juma estão presentes nas lembranças dos moradores. A presença da sua pegada é a marca viva de que ele esteve no lugar e é um acontecimento que alardeou e ainda alardeia os moradores. Todos contam essa história e acreditam em sua existência.

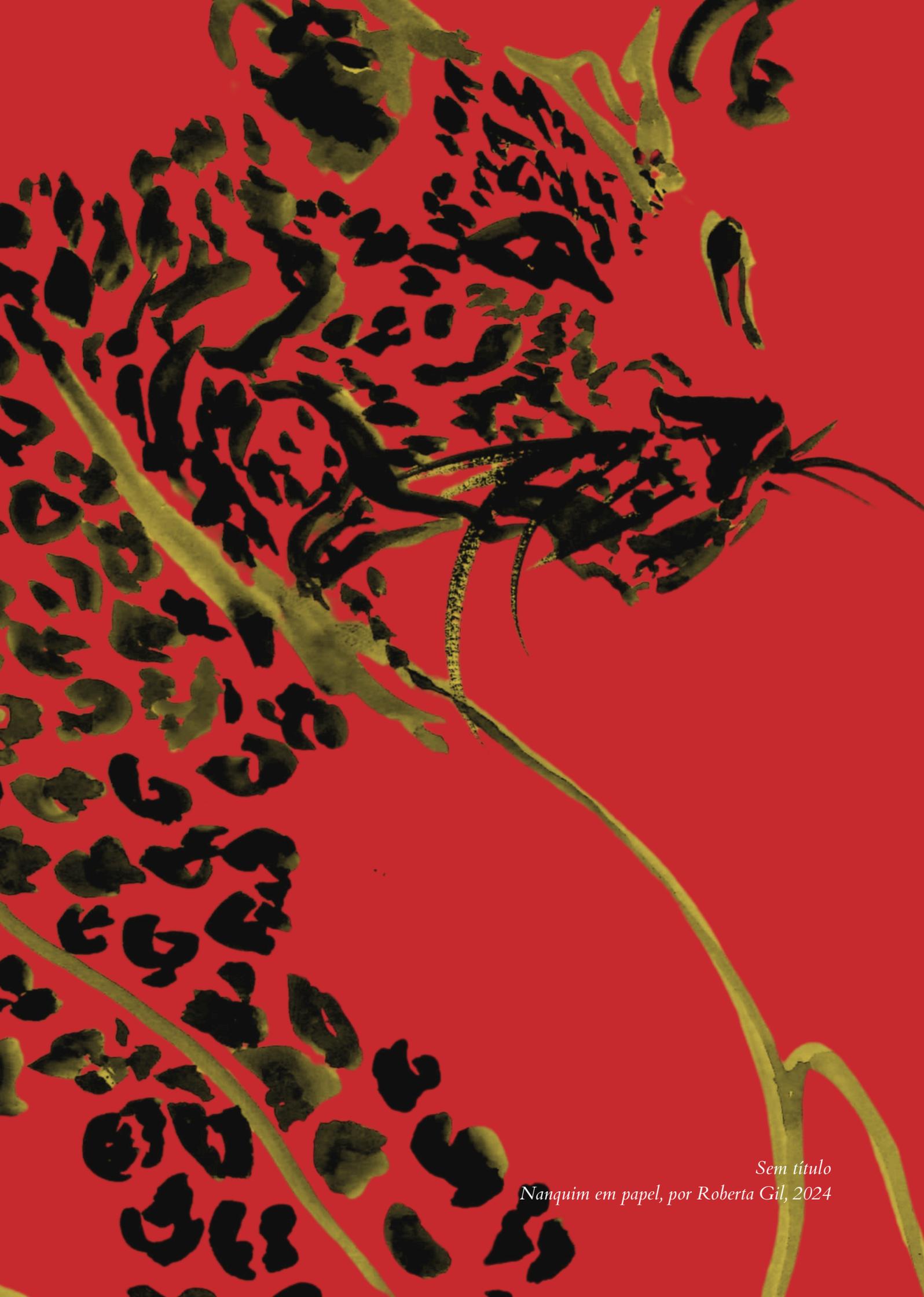
No contar e recontar o fato, os de fora sentem e interagem, inconscientemente, com os imaginários expressados pelas narrativas culturais. Aquele que escuta, elabora, na sua mente, a história narrada, penetrando nesse mundo desconhecido. Essa capacidade de ilustrar os fenômenos, mostra o potencial narrativo e performático das gerações amazônicas. A linguagem, as expressões corporais, a entonação da voz, onde dar mais ênfase, faz parte do contar e recontar.

Essa lenda do Juma é muito forte e eu lembro bem mesmo, que as pessoas falavam que era quase lá pra região da Samaria, que era aí pra banda da Fé em Deus... Aí o pessoal que via, contavam que, realmente, que eles viram pegadas... Pegadas dele pra lá, então, o Juma é assim... Uma coisa que eu lembro bem, eu lembro mesmo... Os mais antigos, né, os moradores de lá, eles viram, eles viam na mata, quebrando paus... Essas coisas... Isso eles viam! As pegadas eram tão grandes, que eles se surpreenderam quando viram a pegada porque de pessoa normal não era... Porque também as pegadas desapareciam na floresta, na mata... É uma coisa sem

explicação dele, do Juma... Porque eles só viam os rastros, os vestígios por onde passavam (Sandra Rodrigues Xavier em 11 de maio de 2022, numa manhã nublada de quarta em Parintins).

Os seres encantados estão presentes na produção do imaginário social das pessoas e aguçam uma curiosidade científica daqueles estudiosos interessados em entender a lógica do pensar e da cultura amazônica, mas também atiza perguntas das pessoas da Valéria, como questiona Sandra Rodrigues Xavier, sobrinha de Dona Izaura e Seu Manoel, ao dizer “*Mas, o que será, realmente, esse Juma?*” (Em 11 de maio de 2022). As gerações mais velhas acreditam na existência do Juma. Não questionam se ele é um animal de formas gigantes ainda não catalogado pela ciência. O que se entende, através do saber florestal, é que sua aparição internaliza aos moradores que devem se proteger, porque ele traz maus agouros nas terras por onde passa. Para os habitantes da Valéria, o Juma é real e precisa ser evitado. Seu Manoel narra quem são e o porquê de visitarem as áreas habitadas nas florestas.

Esse Juma ele é um casal de índios que se distanciam, ficam no meio da mata, se agasalhando no pé da Serra, ficam por aí, por esses lugares... Quando eles começam a aparecer assim... Eles estão aparecendo pra que se mostrarem que estão aí... Quando eles somem é pra ter cuidado, porque quando eles se somem já fica dando prejuízo porque fica aparecendo... É... Como se diz aí, agressivo... Na época que eles somem eles já ficam agressivos, a pessoa tem



Sem título
Nanquim em papel, por Roberta Gil, 2024

que ter cuidado para não estar saindo sozinho na mata... Porque eles estão por aí só... A lenda deles aí foi muito grande... Aqui na Valéria já teve o Juma, já teve o Chupa - Chupa... (Seu Manoel Reis de Oliveira em 02 de outubro de 2021).

Numa narrativa um pouco confusa, Seu Manoel tenta explicitar os motivos que os fazem aparecer na região. É certo que o medo se implantou. A pegada do Juma foi vista. A partir dessa vivência tão próxima, o alvoroço foi coletivo e a curiosidade de sua origem ainda é presente entre os habitantes. O imaginário social das florestas uniu o grupo, proporcionando ações de resistência cultural. Crer no Juma é energizar ainda mais a cultura das florestas, como fala Selma Xavier de Oliveira, filha de Dona Izaura e Seu Manoel.

O papai e os amigos dele foram pra observar, buscaram na época um curador, um índio curador que pudesse ajudar a entender o porquê e quem era aquela criatura, porque houve quem os visse e houve quem só visse as pegadas grandes na estrada... Eu lembro assim, vagamente, mas a nossa geração acredita sim que essa criatura é sobrenatural ou como eles falam que fosse um índio revoltado que tinha debandado de uma tribo havia passado por ali... Mas, a gente, realmente, acredita nisso! (Selma Xavier de Oliveira em 11 de maio de 2022, numa manhã nublada de quarta em Parintins).

Alguns pesquisadores dizem que o Juma é o espírito de um índio valente que protege as matas, protegendo toda forma de vida local, o qual pode ser caracterizado como nativo dos primeiros agrupamentos indígenas da região. Conforme informações do jornal eletrônico El País (2), no século XVIII havia entre 12 mil e 15 mil indígenas da etnia juma, que após sucessivos massacres e expansão das frentes extrativistas, se viram drasticamente reduzidos até tornarem-se extintos. Até início de 2021, havia somente um indígena juma, chamado Aruká, que habitava o sul do Estado do Amazonas.

Devido às complicações do novo coronavírus, o ancião faleceu, levando consigo a memória e a cultura de um povo aniquilado no Brasil. Como povo dizimado dos espaços florestais, os espíritos encantados dos jumas tornaram-se tanto espíritos que trazem mau presságio quanto proteção aos seres ambientais: suas aparições são vistas como avisos para que as pessoas ajam com cautela na e com a natureza. Se o sujeito age com bom senso entre as florestas, o Juma o protegerá, caso contrário, sofrerá as consequências. Essa mudança de postura é apresentada numa outra toada, de autoria de Demetrius Haidos e Geandro Pantoja, chamada Gigante Juma, quando poetizam que *“A mãe natureza para resgatá-lo/ Evoca Báira/ O herói ancestral/ Destinando ao Gigante Guerreiro uma nova missão/ Proteger a Amazônia”*. As aparições, na última década, mostram que não é por acaso que surgem. A floresta é sua morada. Com a floresta desflorestada, o Juma fica sem proteção e a ira vocifera.

(2) Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-02-19/o-ultimo-anciao-juma-morre-de-covid-19-e-leva-para-o-tumulo-a-memoria-de-um-povo-aniquilado-no-brasil.html>. Acesso em: 29 dez. 2021.



O aparecimento e o sumiço do Juma ou do casal de Jumas, mostra que algo está impactando os seres ambientais. Há uma exaustão da natureza e o espírito do Juma se rebela contra isso. A ação antrópica que maltrata a fauna, a flora e outros seres do Planeta o impulsiona a avisar que algo não está bem e a agressividade contra o humano se faz presente. O espírito deste ser encantado aparece para tentar frear as ações contra os seres ambientais, por isso, fica alerta no território de Parintins, que, de tempos em tempos, caminha pelas matas, trazendo medo, arrepio e um olhar mais cuidadoso com a floresta.

Referências

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da Sociedade**. Tradução: Guy Reynaud. Revisão técnica: Luís Roberto Salinas Fortes. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução: Bernardo Leitão... [et al.]. 7. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

Sem título

Desenho inspirado no grafismo do jabuti de casca amarela, da etnia Kayapó, por Carlos Pereira, 2024



Sem título
Desenho por Roberta Gil, 2024